

do em 1959 a V Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia, realizada em Quito.

É sócio efetivo de várias instituições geográficas e culturais como: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sociedade Brasileira de Geografia e membro honorário do Serviço Geográfico Militar do Equador.

Curiosa circunstância é o fato de, ao assumir novamente a direção dos destinos do Conselho, vir, como em 1954, da Escola Superior de Guerra, a cujo corpo docente pertence.

Ao assumir o cargo, o engenheiro FÁBIO, depois de ter usado da palavra o presidente do IBGE, congratula-se com êste pela sua investidura à frente do órgão nacional de geografia e estatística, ressaltando as qualidades técnicas e administrativas, a par de longa experiência com relação aos assuntos estatísticos, agradecendo a confiança com que foi distinguido. Afirma que procurará, por todos os meios, conduzir o Conselho Nacional de Geografia, dentro das diretrizes traçadas pela nova administração do Instituto, no sentido de sua própria recuperação no conceito público.

## Metodologia geográfica

Encontra-se no Rio de Janeiro prestando assistência técnica aos trabalhos de pesquisa da Divisão de Geografia do CNG, o professor MICHEL ROCHEFORT, da Universidade de Estrasburgo. O professor ROCHEFORT veio ao Brasil graças aos esforços do reitor JOÃO ALFREDO e do diretor NILO PEREIRA, da Universidade do Recife, e do cônsul francês em Pernambuco, Sr. MARCEL MORIN. Ministrou êle naquela instituição dois cursos de Geografia Humana, que tiveram a duração de um ano.

Todos quantos nos lêem certamente se encontram a par das notáveis contribuições que o professor ROCHEFORT trouxe ao campo da Geografia Urbana, através de sua tese sobre esta matéria, do processo que tomou seu nome, relativo à hierarquia dos centros constitutivos da rede urbana, e outros trabalhos correlatos.

Os cursos que se realizaram na Universidade do Recife foram o de Metodologia da Geografia Humana e o de Geografia Urbana.

O primeiro, cuja matrícula alcançou 91 inscrições, contou com vinte e cinco aulas e desenvolveu-se de março de 1960 a agosto do mesmo ano.

Inicialmente, o professor M. ROCHEFORT apresentou uma introdução geral aos estudos antropogeográficos, ocupando-se do objeto e sistemática da Geografia Humana: da Geografia da População; da Geografia Agrária; da Geografia das Indústrias e da Geografia dos Serviços.

Uma vez estabelecidas as noções fundamentais referentes a cada uma destas unidades, seguiram-se as aulas destinadas à explicação dos métodos de estudo e pesquisa a elas pertinentes.

Completando êste esquema didático, realizaram-se trabalhos práticos, nos quais os estudantes, organizados

em turmas, e sob a solícita orientação do professor, procederam à coleta de dados e informações que complementassem as aulas teóricas, em cada setor da matéria em causa.

Os resultados obtidos nestas pesquisas, fruto do esforço conjunto do professor e dos alunos, foram aproveitados na elaboração do primeiro estudo geral de caráter geográfico já realizado sobre a população de Pernambuco. Deverá êle ser publicado em breve, constituindo o primeiro número dos *Cadernos da Faculdade de Filosofia de Pernambuco*.

No outro curso, que transcorreu no segundo semestre letivo de 1960, e teve caráter de especialização em Geografia Urbana, inscreveram-se 52 alunos. Em 34 aulas teóricas foram estudados os problemas relativos às funções urbanas, às redes, à hierarquia e à centralidade dos aglomerados, à classificação funcional das cidades, às forças do crescimento na formação dos quadros urbanos, à evolução das cidades e seus fatores de explicação, à estrutura urbana e à organização interior do espaço urbano.

A orientação didática foi idêntica à do curso anterior: exposição das noções fundamentais sobre cada assunto, respectivos processos de pesquisa e organização de trabalhos práticos.

Em conclusão às atividades que desenvolveu neste semestre, o professor M. ROCHEFORT prepara um estudo geral sobre as relações entre as comunidades rurais e urbanas do interior de Pernambuco.

Para colhêr os dados de que para isso necessitou, o professor elaborou um questionário que foi distribuído a todos os agentes municipais de estatística do estado em questão.

Colaborou nesta tarefa o diretor do órgão local do IBGE, e a Inspetoria Regional de Estatística Municipal.

Além de suas atividades docentes na Faculdade de Filosofia de Pernambuco, o citado professor realizou, entre outras, palestras na AGB local e, ainda, em julho de 1960, esteve presente, como componente da delegação pernambucana, à assembléia nacional que essa Associação realizou em Mocró, Rio Grande do Norte.

Também a Comissão de Planejamento Econômico, dirigida pelo professor RÔMULO DE ALMEIDA, solicitou a colaboração do professor ROCHEFORT, para o período de setembro a dezembro de 1961, a fim de tomar parte nos trabalhos de levantamento das condi-

ções e possibilidades regionais de desenvolvimento.

Atualmente, como se sabe, o professor se encontra orientando diversas pesquisas a serem realizadas pelos geógrafos do CNG, que integram um planejamento de larga envergadura e enorme valor para futuros empreendimentos.

Estas pesquisas se desenvolvem segundo três projetos principais: Potencial Humano, Geografia Industrial e Geografia Urbana (organização dos espaços urbanos), e constam de uma série de palestras subordinadas aos títulos: "Objeto e sistemática da Geografia", "Noção de meio cultural", "Análise do grupo humano", "Geografia das atividades da produção", "Geografia das atividades de serviços", "Organização do espaço regional".

## A conferência de Copenhague sôbre as pesquisas oceanográficas \*

HILLIARD RODERICK

Diretor adjunto do Departamento de Ciências Exatas e Naturais

Durante o mês de julho de 1959, uma conferência intergovernamental, reunida em Copenhague, possibilitou importantes progressos no domínio da cooperação científica internacional.

Esta conferência, consagrada às pesquisas oceanográficas, fez à Unesco, recomendações que deverão favorecer consideravelmente o desenvolvimento das ciências oceanográficas e, ao mesmo tempo, servir de modelo para a colaboração dos governos interessados no desenvolvimento das ciências em geral.

Os oceanos — que cobrem em média 71% da superfície do globo — constituem um dos campos menos explorados da pesquisa científica. Não existe mesmo uma boa descrição geral do comportamento das massas aquáticas e da vida que elas encerram. Ora, antes que o homem possa compreender em minúcia os movimentos das águas, as oscilações de sua temperatura, sua composição química e os gêneros de vida que nelas se desenvolvem, deverá realizar ainda grandes pesquisas.

Entre os problemas científicos que, neste domínio, não tiveram ainda solução figuram notadamente: a circulação das águas na superfície e em profundidade; o equilíbrio entre o calor solar absorvido pelos mares e a perda do calor pela evaporação, convecção e

radiações; a influência dos oceanos sôbre a atmosfera (e reciprocamente), assim como sôbre os climas; o reaquecimento das águas pelos fundos marinhos; as variações do nível dos oceanos e suas repercussões na duração do dia; as curvas de nível e a estrutura geológica do leito dos mares; a repartição dos recursos minerais nos oceanos; o ritmo de produção e repartição das matérias orgânicas; o exame dos recursos biológicos que os mares encerram, assim como a avaliação de seu potencial econômico; a radioatividade natural dos oceanos; a história dos mares e os métodos de previsão das condições oceânicas.

Os oceanos não foram ainda inteiramente explorados. Sômente durante os últimos cem anos é que sérios estudos foram tentados sôbre certas partes deles. Vastas zonas marítimas continuam praticamente desconhecidas do homem. O oceano Índico, que ocupa superfície correspondente à metade das terras emersas, é o menos conhecido de todos; seu estudo pede investigações e pesquisas em todos os domínios da oceanografia. Mesmo para o Atlântico-Norte, que foi o mais estudado até hoje, investigações que durariam todo o ano estão ainda por fazer-se, e onde se deveria criar postos de observação permanentes.

\* Extraído de *Chronique de l'Unesco*, outubro de 1960, vol. p. 40.